

# Urbano Oliveira – “ A Música é a Arte que contém todas as artes”

written by António Ferro | 26 de Agosto, 2025



**Nos anos 60** tornou-se membro do Hot Clube de Portugal e em **1978** tocou e gravou com a primeira Big Band em Portugal, “Orquestra Girassol”, com arranjos e direção de José Eduardo.

Angola foi testemunha, **nos anos 70**, da sua passagem por grupos de música africana. Depois de ter participado no **6º Festival de Música dos Capuchos**, voou até Habana, onde frequentou o “Centro de Investigacion y Desarrollo de La Música Cubana”, e com estas bases preparou uma **publicação pedagógica**.

Na “Drummers Collective” em **Nova Iorque**, aperfeiçoou os seus

conhecimentos sobre “Concepções da bateria Contemporânea”, com Pete Retzlaff, Franz Katz e Michael Lauren.

**Em 1996**, publicou o primeiro método de bateria editado em Portugal, “Iniciação no Estudo da Bateria”, e que é distribuído gratuitamente nos workshops realizados por todo o país, com principal incidência nas localidades menos favorecidas.

“Rock Básico – Bateria Primeiros Passos”, é um CD editado em **1998** com teoria, exercícios, ritmos, e play along, um ótimo instrumento para a aprendizagem e a iniciação à bateria.

No ano seguinte saiu uma nova publicação da sua autoria “Rudimentos e Solos Preliminares para Tarola/Caixa/Snare Drum”, que foi recebida com rasgados elogios por parte de quem vive por dentro o mundo da percussão.

Com Osvaldo Pegudo (Cuba) partilhou um trabalho de workshop, onde a percussão e a bateria são apresentadas de uma forma simples e direta.

O seu mais recente trabalho “Círculo de Percussão”, especialmente recomendado para as crianças e a terceira idade, pelo seu conteúdo terapêutico.

**Urbano Oliveira** é professor no Conservatório de Tavira, membro da SPA-Sociedade Portuguesa de Autores, do PAS-Percussive Arts Society e da ANTA-American Music Terapy Assotiation,Inc.

Vamos conhecê-lo melhor?

O Cidadão (OC) – Quando descobriste o talento e o dom pela música?

**Urbano Oliveira (UO) – *Um tio meu, quando eu tinha 5, 6 anos de idade, sentava-me ao colo para ouvir música na rádio e chamava-me a atenção para escutar o som dos instrumentos individualmente. Fazia-me reparar no som da trompete, do saxofone da bateria, do baixo e assim por diante. Foi deste***

*modo que, não só aprendi a ouvir música, como a identificar, na orquestra, os sons produzidos por cada instrumento. Ainda hoje, primeiro oiço um tema musical na sua totalidade. Depois, quando posso, faço uma ou mais adições para apreciar o desempenho de cada instrumento. Só depois presto atenção à melodia, ao cantor ou cantora e no final, fico atento à letra das canções.*

*Quanto ao talento, só mais tarde descobri que o tinha quando comecei a ver o resultado. Principalmente quando comecei a fazer ritmos com dois paus em tudo o que era sítio e que produzisse um som agradável. Os paus, versos baquetas, eram os do algodão-doce, ou os das espingardas de folha que os tinham como projéteis, muito semelhantes ao do algodão-doce.*

OC – Foi difícil o começo?

UO – *Foi difícil porque não havia professores de bateria nem livros disponíveis em Portugal. Nos anos 60, o primeiro que consegui comprar com dificuldade era de um baterista italiano. O primeiro compêndio, em português, com os rudimentos para bateria, só surgiu no nosso País em 1999, e foi eu que escrevi e editei.*

OC– Quem te apoiou? A família, os amigos?

UO – *Os amigos, muito! A família apoiou, mas sofreu. Particularmente a minha avó paterna. Parece que ainda ouço a voz dela: “Ó rapaz, para lá com essa chinfrineira!” A minha mãe só me bateu uma ocasião por causa do barulho, todas as outras vezes podem ser consideradas tentativas de homicídio.*

OC – Com quem tiveste mais prazer em tocar, ou gravar?

UO – *O pianista Shegundo Galarza foi a pessoa que mais prazer me deu, não só em tocar, como em termos de relação, convívio e amizade. Foram cerca de 25 anos intensos e muito divertidos. Com o Fernando Tordo foi uma excelente experiência. Com a banda “Petrus Castrus” foi outro momento enriquecedor, gravei*

*com eles o "Ascensão e Queda", um álbum de referência no rock sinfónico e com a "Orquestra Girassol", do Hot Clube de Portugal, com a qual gravei o primeiro disco editado por uma Big Band em Portugal. Porém tive imenso prazer com muitos outros.*

**OC**– Já gravaste algum disco em teu nome?

**UO** – *Sim. Um CD com o título "Fragrâncias" e outro com o título "Dito e Feito", além de um vídeo, em VHS, com o título "Percussão para Todos".*

**OC** – Qual a tua opinião, sobre os instrumentos serem considerados artigos de luxo?

**UO** – *Se o acabamento de um saxofone, ou outro instrumento musical, tiver as chaves cravadas com diamantes, ou se uma picareta, ou alicate, for construído com pegas de ouro e ornamentado com pedras preciosas, é justo que passe a ser denominado um instrumento de luxo. Agora, meros instrumentos de trabalho, estejam ou não vocacionados para a arte, não me parece justo, correto, nem decente. A meu ver, não há bom senso na aplicação de um imposto elevado nestes artigos.*

**OC** – A ministra da cultura em Espanha nivelou o IVA do disco e do livro. Em Portugal, o livro 12%, e o disco 23%.

**UO** – *Nós somos assim. Uma parte do povo ainda tem mentalidade de conquistador; explorador; sacador impiedoso. Mas de um modo geral os estados e as grandes empresas são terríveis a tirar, hábil e impunemente, o dinheiro às pessoas.*

**OC** – Razão pela qual, alguns ou mesmo muitos, estão a editar livros com um CD no seu interior...Qual a tua opinião?

**UO** – *Quem gosta de fazer e deixar feito tem que ser criativo perante a agressividade dos impostos, a insensibilidade e a indiferença de quem devia pensar com profundidade sobre o que é a cultura, para que serve e quais são os benefícios sociais*

***e políticos para todos. Penso que os ministros deviam ser mais cultos, competentes e capazes. Não só no que à arte diz respeito.***

**OC** – O que achas da formação e do ensino musical em Portugal e a importância das bandas filarmónicas em todo esse processo?

**UO** – ***A formação musical melhorou imenso. Nas escolas, ainda há um longo percurso por fazer. Mas atualmente já temos melhores condições e resultados. Só nunca aceitei bem o uso da flauta de bisel para iniciar o estudo da música nas escolas. As crianças deviam todas começar pela percussão, e não com um instrumento melódico que requer o uso de dez dedos, que exige controlo do sopro, técnica de respiração e articulação. É um instrumento difícil e desmotivador para muitos jovens. Tive essa experiência com quatro filhos e dois netos.***

***O meu enorme aplauso às bandas filarmónicas e a todos os indivíduos que, muitas vezes, de forma generosa, se dedicam a mantê-las e a melhorá-las, ensinando crianças e adultos.***

**OC** – A rádio e a televisão apoiam a comunidade musical?

**UO** – ***É um mundo complexo, um pouco hermético e difícil de entender. Podiam fazer muito mais e melhor pela música, os músicos e as bandas portuguesas de todos os géneros musicais.***

**OC** – Um músico termina o conservatório ou um curso superior de música em Portugal e onde irá tocar? Há festivais suficientes das diversas correntes musicais? Os portugueses têm acesso, para se poderem apresentar nesses festivais? E nas orquestras, temos lugar, ou os lugares estão preenchidos por músicos europeus...

**UO** – ***A meu ver, aí, funciona a lei da oferta e da procura, bem como a aptidão altamente qualificada. É preciso avaliar a competência e o mercado, caso contrário não conseguimos vender o “produto”. Não me parece justo pensar em subsídios para manter músicos sem trabalho. Há exceções, claro. Por exemplo,***

*um músico que trabalhe na orquestra de um teatro público ou outra entidade, claro que tem todo o direito a um subsídio se ficar sem trabalho, tal como qualquer outro trabalhador. Por outro lado, os músicos, para serem bem-sucedidos, também têm que ter a capacidade para emocionar as pessoas e serem capazes de transmitir o que sentem através da interpretação. O público, de um modo geral, não tem formação musical. O alto nível de execução técnica é importante, mas por si só, não transmitem nada se não houver uma componente emocional que estabeleça uma conexão com as pessoas. A audiência quer ouvir e sentir o que o artista tem para comunicar. Isto faz toda a diferença no resultado e no sucesso. Em termos comerciais, é preciso saber vender. Parece-me que estamos num bom patamar no que se refere a festivais. O acesso dos portugueses a esses festivais é um assunto sensível. Quem organiza quer encher o festival, por isso procura o que o público mais gosta. Aqui, entra a complexidade da situação, se os músicos ou as bandas portuguesas não são divulgados, o público desconhece os seus trabalhos, assim, procura os que são mais conhecidos e atraem público, que habitualmente são estrangeiros.*

**OC** – Como estamos, de circuitos de bares de música ao vivo ? Ou um músico, termina um curso superior, para se limitar a lecionar...

**UO** – *É o que muitas vezes acontece por escassez de procura ou pouca aptidão para tocar ao vivo, a solo ou em grupo. É por isso também que muitos optam por lecionar, ou até desistir.*

**OC** – Durante muitos anos as companhias de teatro tiveram subsídios atrás de subsídios e os músicos? Ou pertencem a uma orquestra, que lhes garanta um salário ao fim de cada mês, ou então ficam pelo incerto...Como fazes para viver ou sobreviver da música?

**UO** – *Os subsídios para o teatro e o cinema é uma história longa e complicada cheia de contendas e oportunistas. Do pouco que sei, por vezes, parece mais um saco de gatos. Existem*

*muitos artistas sem serem músicos. Não vejo como seria possível subsidiar toda a gente. Vivemos numa economia de mercado. Estudar música é um investimento e como em todos os investimentos, existem riscos. Temos que aprender a lidar com o que não corre bem. Se não conseguirmos sustento através da música, temos inevitavelmente que procurar formação para encontrar outras oportunidades de emprego.*

**OC** – Se fosses ministro da cultura, quais as medidas que tomarias em relação à cultura e particularmente, à música?

**U0** – *Procuraria recuperar mais o património imobiliário histórico em projetos de reabilitação.*

*Tornar financeiramente acessível o acesso a palácios e museus cuja exploração de alguns foi concedida a empresas particulares que se lambuzam com os valores obscenos dos ingressos.*

*Colocaria mais e melhor informação nos diferentes locais de visita: museus, castelos, conventos, palácios, mosteiros onde, em muitos deles, a informação histórica é escassa ou inexistente.*

*Procuraria dar uso intenso aos imensos coretos com apresentações periódicas e regulares, principalmente de filarmónicas.*

**OC** – Qual a pergunta que ficou por fazer?

**U0** – *Talvez: Que valor tem a música para ti ?*

**U0**– *Eu respondo.*

*A musicalidade da vida contém silêncios, vibrações, sons, ritmos, harmonias que nem sempre reparamos. É um pouco como o ar. Só nos apercebemos que respiramos quando sentimos falta dele. A música é uma ferramenta poderosa no plano cognitivo, da memória, da concentração, do controlo emocional e da expressão criativa, e, por outro lado, é importante para os*

*adultos na educação das crianças na esfera dos valores, da ética, das regras, dos princípios, além de contribuir, de forma divertida, para disciplinar comportamentos. A música é vida. Para mim, a Arte que contém todas as artes.*

**OC** – Continuamos no orçamento estatal com 2% para a cultura...

**U0** – *Em compensação assustadora, estamos com a espada de Dâmocles, com a meta de 5% para defesa militar.*